

VOLUME 1

FICÇÃO DE POLPA

OS MAIS ASSUSTADORES CONTOS DE
HORROR!

OS MAIS HORRIPILANTES CONTOS DE
FICÇÃO CIENTÍFICA!

OS MAIS ESPANTOSOS CONTOS
FANTÁSTICOS!



ORGANIZADO POR
SAMIR MACHADO DE MACHADO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



isto **não** é uma



editora

FICÇÃO DE POLPA

VOLUME 1

Samir Machado de Machado (org.)
Alessandro Garcia • Annie Piagetti Müller
Antônio Xerxenesky • Fernando Mantelli
Guilherme Smee • Gustavo Faraon • Luciana Thomé
Marcelo Juchem • Rafael Bán Jacobsen • Rafael Kasper
Rafael Spinelli • Roberta Larini • Rodrigo Rosp
Sergio Napp • Silvio Pilau



não • editora
Porto Alegre
2012

Introdução

Psicopatas! Alienígenas! Monstros! Zumbis! Onde estão a ficção científica, a fantasia e o horror na literatura brasileira? À primeira vista, pode parecer que não temos uma tradição literária nesses gêneros, mas isso não é totalmente verdade. Tentativas são feitas o tempo todo, desde o início do século XX, e sempre houve um público leitor disposto a ler ficção especulativa (um bom termo para englobar os três estilos) produzida no estrangeiro. Será que falta na nossa história uma Idade Média que sustente uma literatura fantástica, mesmo com nosso folclore rico? Será que a falta de investimento em pesquisa científica nos acostumou a pensar na tecnologia de forma passiva, nunca ativa, e nos faz desacreditar uma produção nacional de ficção científica? Será que o horror cotidiano nos impede de aceitar o horror fictício como uma forma válida de escapismo?

Os autores desta coletânea, sinceramente, esperam que não. O que você tem em mãos é um esforço coletivo cuja intenção é, justamente, promover e estimular a produção de uma literatura especulativa que tenha como único compromisso o entretenimento do leitor. Aos escritores que aqui se apresentam, foi feita uma proposta: que criassem um conto de ficção científica, fantasia ou horror com completa liberdade temática. O resultado englobou temas tão diversos quanto populares: serial killers, crimes hediondos, delírios domésticos, sonhos que se transformam em pesadelos e pesadelos que se fundem à realidade, partes do corpo que se rebelam contra seus donos, animais monstruosos e mutações genéticas, mortos-vivos e invasões alienígenas. Curiosamente, como você irá notar, a maior parte dos textos pendeu para o lado do horror, mesmo que dentro de um contexto fantástico ou de ficção científica. O motivo para isso talvez tenha sido melhor apontado pelo escritor inglês Alan Moore: o horror faz parte de nosso dia-a-dia, seja na cultura — através de cinema, literatura e até da música —, seja no noticiário de tevê, nos jornais ou em cartazes de crianças desaparecidas. A atração que todos sentimos um pouco pelo horror fictício talvez seja uma forma de nos prepararmos para enfrentá-lo na vida real.

Então você se pergunta, leitor: por que diabos este livro se chama **Ficção de polpa**? Porque o horror moderno, a ficção científica como nós a conhecemos e (em menor grau) a literatura fantástica moderna devem muito a um tipo de publicação tão barata quanto desprezada: as revistas *pulp*, ou *pulp fictions*, publicadas entre as décadas de 1920 e 1950, assim chamadas por serem impressas no papel mais barato possível, feito da polpa da madeira, e vendidas por meros dez centavos. Suas capas traziam quase sempre uma belíssima e apelativa (para os padrões da época) ilustração de uma mulher seminua em perigo, torturada ou capturada pelo sádico vilão, à espera do herói que a resgatasse. Foram nas páginas dos *pulps* que H.P. Lovecraft praticamente inaugurou o estilo atual de se pensar a literatura de horror,

assim como foram nas páginas das *pulps* que o editor de *Amazing stories*, Hugo Gernsback, cunhou o termo *scientifiction* (que mais tarde virou *science fiction*) e fundou o gênero do modo como o conhecemos. Graças à “literatura barata” das *pulps*, escritores como Lovecraft, Issac Asimov, Arthur C. Clarke, Ray Bradbury, Raymond Chandler e Elmore Leonard, entre dezenas de outros, desenvolveram seus estilos.

Como bem aponta Roberto de Sousa Causo em seu pioneiro livro *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil* (Editora UFMG, 2003), não aconteceu no nosso país um fenômeno *pulp* como nos Estados Unidos, mesmo que houvesse algumas tentativas pontuais de investir nesse tipo de literatura. Na época propícia para isso, éramos um país essencialmente agrário e nossa parca literatura especulativa, dominada por um pensamento eugenista (praticamente racista, como Monteiro Lobato em seu *O presidente negro*), estava mais preocupada em educar e menos em entreter o leitor, predominando, em geral, um ranço didático.

Disso, nós fugimos como a loira virginal foge do assassino mascarado. Não buscamos a pretensão pedante de atribuir uma função à ficção. Nós queremos, isso sim, o que o escritor norte-americano Michael Chabon definiu como “explodir a mente” do leitor: quando o mundo se revela maior do que imaginamos, quando nossos medos se tornam realidade, quando temos a sensação de sermos insignificantes na vastidão e nos mistérios do universo e, ao mesmo tempo, sermos o centro dele. Nossos esforços, nossa pretensão e nossas expectativas são de tentar dar a você essas sensações.

Samir Machado de Machado

O homem que criava fábulas

por Samir Machado de Machado

FOI NO FINAL da primavera que recebi uma carta da velha Richmond. Era uma amiga de minha avó, conhecia-me desde a infância e foi quem me nutriu o interesse por mitologia. Seu nome completo era impronunciável, uma mistura de poloneses e russos culminando com o sobrenome inglês do marido. Para todos os efeitos, chamavam-na de Berta. Já era rica estando solteira, ao casar-se, ficou milionária. O marido fazia-lhe todas as vontades. Quando se aposentou, os dois entregaram-se a excentricidades que somente os ricos podem usufruir sem que sejam internados, e uma delas era colecionar animais exóticos nos grandes e bem cuidados jardins de sua casa de campo – lembro que foi lá que vi um pavão pela primeira vez. A cada aniversário, enviavam-me coletâneas de fábulas, resumos de odisséias gregas, bestiários variados. Com a morte de minha avó, perdi o contato com o casal de ingleses.

Mas, então, a carta. Quando, após tanto tempo sem contato, recebe-se uma correspondência, fica-se surpreso não apenas que o remetente ainda esteja vivo, mas que também se lembre de nós, e esse foi o meu caso. Na semana seguinte, faria dez anos da morte de minha avó, creio que a data tenha lhes despertado a lembrança. Berta e o marido convidavam-me para o fim de semana, para conhecer os novos animais que enfeitavam os jardins de sua casa, uma fazenda distante 580 quilômetros da capital. Ofereciam-me seu carro e motorista para a viagem de ida e volta. Qualquer coisa que evocasse a lembrança de minha avó me era agradável e eu não tinha motivos para recusar.

Ao chegar à fazenda, a curiosidade se tornou maior: um muro de cinco ou seis metros de altura, com grades de ferro pontiagudas no topo, cercava a área. O muro, por sua vez, era ladeado por enormes e frondosos eucaliptos, tornando impossível ver o que havia dentro da propriedade. O motorista explicou-me que era para afastar curiosos e sem-terra – a única coisa que detestavam mais do que argentinos. Vendo o muro, pensei: o que teriam aprontado os Richmond dessa vez? Olhei para os jardins e os gramados, enquanto o carro percorria uma estradinha de terra até a casa da fazenda, mas não vi nada. Ao descer do carro, ela veio me cumprimentar. Estava gorda, o cabelo volumoso de laquê, joias pendendo dos punhos às dezenas, vestido pavonesco, uma diva de ópera. O marido, cujo primeiro nome nunca me foi revelado (sempre o tratavam pelo sobrenome) era franzino, magro, cabelos brancos, parecia quebrar quando o abraçavam forte.

Almoçamos. Passamos para a sobremesa, o café, os licores, e, quando achei que aqueles ingleses não parariam mais de comer, convidaram-me a uma caminhada para a digestão. Berta pegou-me pelo braço e disse que me mostraria os novos mimos que o marido tinha lhe dado no último aniversário. Começaremos pelo estábulo, você vai adorar, garantiu. Assim, lá fomos, e vi os animais. Chamavam-se Jorge e George. Vi suas testas. Não sabia se ficava maravilhado ou horrorizado,

perguntei como uma coisa daquelas acontecera.

– Não aconteceu, nós os fizemos – explicou-me o velho Richmond, sorrindo de orgulho e satisfação. – Genética, menino. Pegamos o código genético de um narval e misturamos com o de um cavalo, inseminamos uma égua e...

Berta o interrompeu. Não estava interessada em ouvir novamente as tediosas explicações de seu marido, era tudo muito técnico, e os funcionários do laboratório que cuidassem dessas coisas. Virou-se para mim.

– Afinal, não nos interessa como isso é feito, e sim o resultado. Um narval e um cavalo, e temos estes dois belos animais aqui. São belos, não é mesmo?

Respondi que sim. Que mais poderia dizer? Nunca imaginei que veria um par de unicórnios na minha frente. Berta tomou-me pelo braço e seguimos o passeio. Um criado da casa trouxe-nos um carrinho desses que usam nos campos de golfe. O velho Richmond assumiu a direção. Os jardins eram belíssimos trabalhos de paisagismo, com sebes podadas na forma de animais e flores de todo tipo.

– Olhe bem para elas, meu querido – disse Berta, apontando-me a sebe.

Olhei outra vez. Moviam-se. O borametz, murmurei, empolgado. O cordeiro vegetal da Tartália! O velho Richmond começou a falar do cruzamento de animais e plantas, mas Berta o interrompeu novamente. Sem explicações, pediu, o que importa é a beleza dos resultados.

Chegamos à beira de um lago artificial, com um coreto de mármore em estilo neoclássico. Cisnes enormes nadavam no lago, mas, conforme chegamos mais perto, percebi que não eram cisnes, mas cavalos com asas de cisnes. Pégasos, dóceis como nunca vira. Perguntei se podiam voar, mas não, aquelas asas eram apenas um acréscimo estético, e mesmo os animais não pareciam saber bem como manejá-las. A todo momento, Berta me perguntava: não são lindos? Não são maravilhosos? Por mais que estivesse deslumbrado, sentia-me cada vez mais constrangido frente àqueles animais. O simples fato de existirem me incomodava: não eram mamutes, dinossauros, dodôs ou qualquer outro animal extinto pelo destino; eram animais criados da imaginação do homem, não possuíam um lugar na ordem das coisas, não se encaixavam numa cadeia alimentar – e o borametz sequer poderia ser corretamente classificado. Se eram belos? Sim, claro. Horrorosamente belos.

Voltamos para a casa principal. Berta anunciou que estava cansada e se deitaria. Disse-me para ficar à vontade na propriedade. Após sair, foi o velho Richmond quem me tomou pelo braço e perguntou: quer ver um segredo? Estou guardando para o Natal. Concordei, voltamos ao carrinho de golfe e andamos quase dois quilômetros propriedade adentro até uma construção feia de concreto cinzento. Ali, havia homens armados e outros de jalecos brancos, fumando do lado de fora do prédio. Passamos pelos guardas, descemos do carro, ultrapassamos portas e corredores sombrios, descemos algumas escadas de concreto e estávamos numa espécie de fosso, com celas gradeadas e vazias. Exceto uma.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

